

ANO 1 | Nº 3

Ítálica

LADY GAL

A DAMA DA MPB
REINVENTA SEU CANTO

H'co
Brasil

DRAMAS CONTEMPORÂNEOS EM AMOR BARATO. POR ARLON SOUZA / PERSONAGENS E CENÁRIOS SOTEROPOLITANOS EM AMNÉSIS. POR LORENA CALIMAN / TEMPLO DE OXALÁ. POR JONAS NOGUEIRA / UMA FOTO PARA VINICIUS DE MORAES RESGATA MEMÓRIAS DO POETINHA. POR THIARA FILIPPO

EDITORIAL

O número 3 do *Cítrica* destaca uma das maiores artistas da Bahia. É também do Brasil e do mundo, mas, neste caso, sejamos bairristas, porque ela é nossa, e esta publicação está intimamente ligada àquilo que se faz de arte no estado. O *Cítrica* vem dar espaço a este debate, chamar olhares para uma análise da produção artística baiana, dos mais consagrados nomes, como o de Gal Costa, aos talentos que renovam constantemente este cenário.

Cadu Oliveira avalia o que expressa o novo trabalho de Gal Costa, *Recanto Ao Vivo*; para ilustrar a capa, o desenhista Chico Brasil colabora como convidado. Das artes visuais, mais um ícone da Bahia, Rubem Valentim, é trazido por Jonas Nogueira. E ele pode não ter nascido por aqui, mas as expressões baianas estão também em Vinicius de Moraes, que, neste ano do centenário de seu nascimento, é homenageado com uma exposição fotográfica que faz releituras de suas canções – mostra aqui apresentada por Thiara Filippo.

Das mais recentes produções das artes da Bahia, especificamente das artes cênicas, estão o musical *Amor Barato*, com suas astúcias descritas por Arlon Souza, e *Amnésis – Uma Busca Intencional Pela Lembrança*, em texto de Lorena Caliman.

Estes autores vêm do time fixo do *Cítrica* e também da adesão de novos participantes. Você pode ser um deles. Estamos esperando para ouvir (e publicar) o que você tem a dizer.

EXPEDIENTE

Editora-chefe: Paula Berbert
Conselho Editorial: Aila Canto, Cadu Oliveira, Paula Berbert, Rosalba Lopes, Thiara Filippo
Editora Executiva: Rosalba Lopes
Autores: Arlon Souza, Cadu Oliveira, Jonas Nogueira, Lorena Caliman, Thiara Filippo
Revisão: Cadu Oliveira, Carol Vidal, Paula Berbert, Thiara Filippo
Projeto gráfico e diagramação: Edileno Capistrano Filho
Capa: Chico Brasil
Fotos não creditadas: divulgação
Impressão e acabamento: Empresa Gráfica da Bahia
Tiragem: 6 mil exemplares

Cítrica é um periódico realizado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia em colaboração com os participantes da Oficina de Qualificação em Crítica, e integra o Programa de Incentivo à Crítica de Artes promovido pela instituição. É permitida a reprodução integral ou parcial dos textos publicados desde que sejam citadas as fontes. A escolha das pautas e as opiniões expressas nos textos são de responsabilidade dos seus respectivos autores.

PROGRAMA DE INCENTIVO À
**CRÍTICA
DE ARTES**



Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB
Diretoria das Artes - DIRART

Programa de Incentivo à Crítica de Artes:
www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica
www.fundacaocultural.ba.gov.br/criticadeartes

Contato, sugestões e críticas:
Telefone: (71) 3324-8505
Cítrica: citrica.artes@funceb.ba.gov.br
Programa de Incentivo à Crítica de Artes: critica.cultural@funceb.ba.gov.br
Fundação Cultural do Estado da Bahia – Rua Guedes de Brito, 14 – Pelourinho – CEP. 40.020-260 – Salvador/Bahia

COLABORADOR



Chico Brasil é um desenhista e pintor autodidata. Graduando em Belas Artes pela UFBA, é um hitmaker nas redes sociais, onde publica suas obras. Atualmente é parceiro do Coletivo Água de Coco, coletivo de jovens produtores culturais da UFBA. Fanpage: www.facebook.com/brasilchico E-mail: coletivoaguadecoco@gmail.com

AUTORES DESTA EDIÇÃO



Arlon Souza é jornalista, ator, repórter, editor e produtor de televisão, com atuação em programas como Soterópolis e TVE Revista.



Cadu Oliveira é jornalista, graduado pela FACOM/UFBA. Nas horas vagas, atua e roteiriza.



Jonas Nogueira é graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela UFBA.



Lorena Caliman é graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFBA e atualmente trabalha como repórter do jornal Correio*. Atriz amadora, escritora, cinéfila. Nascida em Salvador, nativa de Porto Seguro. www.coztop.blogspot.com.



Thiara Filippo é mestre em Letras (UFMG) e especialista em Educação a Distância (SENAC/BA). Atua como professora em cursos de pós-graduação e de formação de professores, e como revisora de textos.

TEATRO

As metamorfoses de Dona (Baratinha)

O MUSICAL BAIANO *AMOR BARATO* RECREIA E APROFUNDA O CONFLITO DO CLÁSSICO INFANTIL, TRAZENDO À TONA DIVERSOS OUTROS DRAMAS CONTEMPORÂNEOS

POR ARLON SOUZA

Amor Barato, Cantigas Torpes e Carinhos Ordinários, 18ª montagem do Núcleo de Teatro do TCA, dirigida por Fábio Espírito Santo, se estrutura no enredo do conto português da tradição oral, publicado no final do século 19, para dele extrair o drama central da peça, no qual Dona Baratinha, à procura de um noivo, recusa diversos pretendentes, se apaixona por um rato e se depara com um trágico desfecho.

Espírito Santo desdobra diversos princípios implícitos na obra, a exemplo do amor idealizado, da ganância, do oportunismo e de outros valores morais da sociedade, para questionar problemas atuais de caráter mais amplo. Assim, ele reinventa a narrativa inserindo nela personagens que representam instituições dos sistemas político, econômico e cultural, como a figura do senador, do repórter, do delegado, da família aristocrata e outras categorias que ilustram, com muita propriedade, a estrutura social deteriorada do mundo de hoje.

Nessa costura, a música, executada ao vivo e assinada pelo cantor e compositor Ronei Jorge e pelo diretor musical Jarbas Bittencourt, tem papel fundamental na construção da história. É na pulsação, no tempo e no ritmo dela que a fábula se desenrola, influenciando fortemente a direção, as nuances de interpretação, a coreografia de Ana Paula Bouzas e outros componentes da cena. É ela ainda a responsável pela instalação de uma atmosfera lúdica e orgânica no trabalho, num universo de realismo fantástico às avessas, onde o suborno, o sensacionalismo midiático, a impunidade, a falência das relações familiares, a exposição fútil da mulher, a especulação imobiliária e outras mazelas cotidianas deste capitalismo exacerbado se apresentam com muita crítica, objetividade e sarcasmo.

Em *Amor Barato*, os intérpretes têm uma forma muito particular de explorar a expressividade por meio da dança e do canto, estabelecendo uma harmonia consistente entre afinação, compasso e melodia, no limiar de um projeto que



resgata um formato que ainda soa como novo na Bahia, mas que carece muito de atores que dominem este gênero teatral. Embora o elenco demonstre, no conjunto, habilidade e familiaridade com a proposta, como é o caso, por exemplo, de Daniel Caliban, com seu humor refinado, e da atriz Sibeles Lélis, com todo o seu lirismo melodramático, é importante ressaltar, pela experiência e pela performance, as atuações de Urias Lima, Diogo Lopes e Vanessa Mello, que faz a protagonista Dona (Baratinha).

O cenário de Rodrigo Frota, formado por andaimes da construção civil e entremeado de passagens que fazem referência a dutos de esgoto e rampas de canteiros de obra, abrange toda a extensão do palco e se torna um terreno fértil para a encenação e a criação de partituras corporais muito dinâmicas.

No trabalho, o diálogo entre maquiagem e figurino é bem simbiótico, no contexto em que se encontram para a constituição de um ambiente sombrio, primata, selvagem e degradado, mas paradoxalmente pomposo e virtuoso, no qual a maquiadora Marie Thauront estampa sua marca através da plasticidade de suas máscaras e o figurinista Rino Carvalho mostra muita sofisticação no estilismo, escolha do material e acabamento de seu trabalho.

Acesse www.amorbarato.com.br



TEATRO

Amnésis: um reencontro com Salvador

ESPETÁCULO DIRIGIDO POR MERAN VARGENS TEM PRIMEIRA TEMPORADA ENCERRADA NO TEATRO MOLIÈRE, EM SALVADOR, E DEIXA UM GOSTINHO DE “QUERO MAIS”

POR LORENA CALIMAN

Três homens vestidos de branco encenam, numa movimentação intensa, histórias que criam imagens na mente de quem as vê sobre um palco sem cenário. Somente cortinas e projeções discretas de flores e construções cercam a vida dos diversos personagens apresentados em *Amnésis – Uma Busca Intencional Pela Lembrança*, espetáculo teatral realizado pelo Grupo Toca de Teatro em parceria com a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Três atores, Daniel Calibam, Danilo Cairo e João Guisande, reconstroem as falas, os corpos e os sentimentos de personagens reais da cidade de Salvador, críveis por serem figuras verossímeis do dia a dia soteropolitano, mas incríveis em suas peculiaridades: a mãe de um doente mental, que vive

para cuidar dele; o ex-piloto de avião que engordou demais para trabalhar; um mineiro que veio parar na cidade e virou não só baiano como também artista “de dar o que falar” no Mercado Modelo.

Esses e outros, a maioria sem nome próprio, são encarnados e misturados ao longo de menos de uma hora de apresentação. Tempo curto, passagem rápida, mas marcante. Nos corpos, a realidade se embaralha com a comicidade do jeito próprio de cada um dos indivíduos que teve sua história emprestada à peça.

Além de se expressarem com palavras, os atores cantam, dançam e, algumas vezes, tornam-se um só. Interação uns com os outros, interrompem as histórias, enveredam por outros assuntos. Uma mulher, que teve nada menos que 23 filhos, fala da tristeza que foi o primeiro casamento e da “maravilha do segundo”, arrancando risos da plateia. Ela não sabe se foi sorte ou azar ter menos filhos justamente com o “melhor marido”.

O pequeno palco do Teatro Molière, na Aliança Francesa – onde a peça teve sua primeira (e breve) temporada – vira, de repente, a Igreja de São Lázaro e a Praça da Piedade. E também o Mercado Modelo. Tudo, é claro, na mente do espectador, já que o cenário não muda. E os personagens, algumas vezes, simulam as reações que as pessoas tiveram à aproximação dos atores, quando eles foram a campo coletar as histórias e perseverar na lembrança, como sugere o título da peça. Segundo eles, a obra é resultado dessas interações e todos ficaram visivelmente marcados pelas trocas, passando a trazer consigo um pouco do que viveram nesses locais históricos e característicos da cidade.

A alusão à luta dos heróis da Revolta dos Alfaiates (também denominada Revolta dos Búzios), por exemplo, é suspensa pela mescla entre o tempo passado e o tempo presente. A lembrança da perda dos que morreram na insurreição se une à “lembrança” do presente, de um momento em que quase ninguém prestava atenção à história contada numa praça real, onde um homem, ao declamar poemas, era ouvido quase exclusivamente por um dos atores da peça, que transformou aquilo em material de encenação.

Lembranças da cidade, das pessoas, dos lugares. A interação, ocorrida entre os que estão em cena e as pessoas que eles encontraram em suas andanças e pesquisas, fica clara e marcada nos detalhes que cada um utiliza para (re)vivê-las. **Breve, mas tocante, a peça, como escreveu Meran Vargens, é um presente de Salvador e para Salvador.**

P.S.: O espetáculo está previsto para retornar aos palcos do Teatro Molière no início de maio.

TIRINHA

Thomas, o Rato de Cinema por Amanda Aouad e Ari Cabral



MÚSICA

O Recanto Fa-Tal de Gal

QUARENTA ANOS DEPOIS, GAL COSTA VOLTA AO MESMO PALCO PARA REGISTRAR OUTRO SHOW ANTOLÓGICO.

POR CADU OLIVEIRA

Ano de 1971. Teatro Tereza Rachel, Rio de Janeiro. Aos 26 anos, Gal Costa gravava ao vivo o álbum duplo *Fa-Tal – Gal a Todo Vapor*. Em reportagem de Teresa Cristina, publicada à época, lê-se: “Gal se apresenta em *A Todo Vapor* com vontade de renovar o repertório e o estilo. [...] a plateia jovem e extravagante faz silêncio para ouvir Gal”. Da temporada de 1971, considerada por críticos como uma das mais emblemáticas da carreira da intérprete, não há registros audiovisuais oficiais da musa tropicalista que tocava ao violão, descalça e barriga à mostra, clássicos e novidades de então, entre ruídos e microfonia.

Ano de 2012. A baiana de 67 anos voltava ao mesmo espaço, rebatizado de Theatro NET Rio, para eternizar *Recanto Ao Vivo*, lançado em DVD e CD duplo em março desse ano, dessa vez com captação e edição impecáveis. Com figurino e cenário sóbrios, Gal novamente renovava seu repertório e seu estilo, ao mesclar parte do recente *Recanto* com canções que pontuam todas as fases da sua carreira de mais de quatro décadas, sob direção do inseparável Caetano Veloso.

Gal e Caetano conseguiram dois feitos no mesmo espetáculo: o primeiro foi acentuar a densidade das canções do CD, compostas por Caetano para ela, graças à propriedade com que ela já defende as letras existencialistas e a sonoridade ora melancólica, ora contundente do disco; o outro, diz respeito à solução inteligente que ambos encontraram para evidenciar a sua longa e exitosa parceria e, ao mesmo tempo, resgatar as várias facetas de Gal.

Em turnê de divulgação de *Recanto Ao Vivo*, Gal tem mobilizado não apenas aquele público mais cativo, mas

principalmente uma nova leva de admiradores na casa dos vinte, trinta anos. O próprio álbum *Recanto* é uma aproximação de Gal com ouvintes mais jovens, mais afeitos à sonoridade eletrônica e roqueira do disco. Em *Recanto Ao Vivo*, até os clássicos ressurgem diferentes, rejuvenescidos, mérito também da banda, formada por Pedro Baby (guitarra e violão), Domenico Lancellotti (bateria e MPC) e Bruno Di Lullo (baixo). Obviamente, este é mais um passeio que Gal faz sob a condução de Caetano, na carona da trilogia iniciada por ele em *Cê*, em 2006.

A incursão no experimentalismo não é nem um pouco nova na discografia de Gal; ao contrário, ela é, de longe, a intérprete mais versátil e inovadora da música popular brasileira. No entanto, a ousadia só ressurgiu após críticas de que Gal teria estagnado em uma fase monótona da sua carreira, marcada por setlists desgastados, e de que, inclusive, estaria perdendo suas impressionantes qualidades vocais. De fato, não é fácil ser uma virtuose do canto e corresponder a essa cobrança a vida inteira. Contudo, em *Recanto Ao Vivo*, lá está ela cantando *Vapor Barato* a plenos pulmões como quando do lançamento em *Fa-Tal* – com agudos mais econômicos, mas ainda vibrantes –, mais elegante e ainda cheia de vigor, entre o reconhecimento dos standards e as incertezas do inusitado e, até, do estranho. “Não sou nem underground nem establishment”, dizia em 1971. Não há razões, ainda hoje, para discordarmos.

Obra/artista: *Recanto - Ao Vivo* (DVD e CD duplo) / Gal Costa.
Gravadora: Universal Music
Preço médio: R\$39 (DVD) e R\$ 37 (CD duplo)



CULTURA POPULAR + ARTES VISUAIS

Sobre a candeia de Oxalá

“EU PROCURO A CLARIDADE, A LUZ DA LUZ” — RUBEM VALENTIM

POR JONAS NOGUEIRA

Até mesmo para quem não entende ou jamais ouviu falar sobre a liturgia do candomblé, é difícil entrar na sala Rubem Valentim do Museu de Arte Moderna da Bahia e não falar baixo ou calar-se ao se deparar com um templo branco, o Templo de Oxalá. Repleto de totens iluminados pela luz que entra dos vidros e da cúpula superior, as figuras em madeira branca e acrílico unem-se em uma atmosfera que acalmaria o mais agitado dos visitantes. Ali habita a exposição *Templo de Oxalá*, do artista plástico baiano Rubem Valentim, o Obá do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá.

Apenas com uma etiqueta informando os materiais que as obras são feitas e com um epílogo de abertura retirado de um texto do próprio artista intitulado *Manifesto ainda que tardio*, em que ele explica a origem da sua arte, a exposição não tem fim e nem começo, dando

ao público liberdade para percorrer a sala sensorialmente, talvez em uma alusão à divindade Oxalá, o orixá da sabedoria e da pureza, o fim ou o começo de tudo.

Originalmente, a série *Templo de Oxalá* era composta por um painel de 14 metros de largura por quatro de altura, com seus símbolos afro-brasileiros em branco sobre um fundo azul, e vinte esculturas emblemáticas, também em branco, de diversas alturas, sobre um tapete verde, organizando um ambiente mítico, um altar. As peças hoje estão espalhadas pelo mundo e o acervo fixo do MAM é composto apenas por doações da família, o que não tira a magia e o encantamento da obra.

Embora muito bonita, a Sala Rubem Valentim, inaugurada em 1998, não comporta a exposição de modo satisfatório. As obras são grandes e altas, solicitando um espaço amplo e arejado. No entanto, o fato de a sala ser pequena proporciona um novo efeito estético que, originalmente, não foi pensado. Sobrepostas às obras, configuram novas formas de acordo com a posição em que o visitante as observe.

Em um universo que não se repete, as obras de Rubem Valentim se configuram como reflexos de sua matriz cultural afro-baiana. Com forte influência do construtivismo e do concretismo, movimentos artísticos caracterizados pelo abstracionismo, Valentim se valia da iconoclastia do panteão do candomblé em uma linguagem sinográfica, que o próprio artista caracterizava como “mestiça-animista-fetichista”.

Assim, de maneira majestosa, Valentim cumpre com seu objetivo de chamar atenção para a riqueza cultural brasileira. A mescla da tridimensionalidade com cores marcantes e o jogo semiótico de signos místicos em uma estética sinuosa lembram as raízes de um país plural e cheio de possibilidades.

Sair da sala é como o término do orô (ritual) mais tradicional do candomblé. O tempo é de silêncio e sabedoria. Que as águas de Oxalá nos cubram e nos protejam. ÈPA BÀBÁ! Oxalá!

Rubem Valentim participou do Movimento de Renovação das Artes Plásticas da Bahia, liderado pela revista *Cadernos da Bahia*, ao lado de Mário Cravo Júnior e Carlos Bastos. Formou-se em Jornalismo pela UFBA, ensinou artes no Rio de Janeiro como professor assistente de Carlos Calvacanti e, mais tarde, como professor na UnB. GANHOU inúmeros prêmios com destaque para o *Salão Nacional de Arte Moderna (SNAM)*, e participou de memoráveis bienais como o *Festival Mundial de Artes Negras de Dacar* (Senegal) e a *XIV Bienal de São Paulo*, de 1977, quando apresentou a série *Templo de Oxalá*.



ARTES VISUAIS + MÚSICA + LITERATURA

Como expressar o amor e a sua ausência, o lirismo e a poesia de Vinicius de Moraes?

EXPOSIÇÃO *UMA FOTO PARA VINICIUS DE MORAES* MARCA, EM SALVADOR, O INÍCIO DAS CELEBRAÇÕES DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO POETA

POR THIARA FILIPPO



Soneto de Separação, de Nelson de Castro, fotografia que integra a exposição *Uma foto para Vinicius de Moraes*

Para começo de conversa, devo confessar que Vinicius de Moraes foi uma paixão antiga, em cujos versos eu me afogava sem mágoas. Embora a roda da vida tenha me trazido outras paixões literárias, daquela ainda conservo uma saudade imensa. Como não ir ao Palacete das Artes para ver *Uma foto para Vinicius de Moraes*, exposição organizada pela Salvador Foto Clube, com curadoria de Maria de Moraes, filha do poeta?

A mostra, composta por 18 fotos em preto e branco de autores diversos, aprisiona um pedaço do tempo, fazendo do passado um fragmento do agora. Imobilizar o tempo, não é isso que a arte fotográfica aspira?

Os títulos de poemas e canções do escritor, diplomata e compositor carioca são usados para intitular cada uma das fotos apresentadas. É como se seus versos estivessem emoldurados numa tela. Mas não é somente isso, há muito mais: as fotos conseguem expressar diversos matizes da sua poética, pois trazem das suas obras um quê de simplicidade, lirismo e encanto sedutor.

O amor (e a sua ausência) é o que predomina. E a mulher, “espécie adorável da poesia eterna!”, surge feito *Rosa desfolhada*, na foto de Henrique Paraguassú, e como imagem de contornos indefinidos em *Samba em prelúdio*, de Taciano Levi. Seria essa ausência de nitidez uma sugestão de que a musa do poeta tem imprecisão e vagueza, mistério e suavidade? Há outra foto em que a figura feminina também está desfocada, *Na esperança de teus olhos*, de Marcus Oliveira. E o que está colocado em primeiro plano nessa foto é a imagem de uma planta que brota inesperada no tronco de uma árvore. A vida é mesmo imprevisível e inédita. E com que delicadeza ela irrompe!

É possível admirar tudo isso enquanto se ouve o piano inconfundível de Tom Jobim acompanhando a declamação de *Soneto de separação*, na voz marcante de

Vinicius de Moraes. A exposição, não satisfeita em ser imagem, também quer ser som. E as fotos de Thais Figueiredo, *Eu não existo sem você*, de Roberto Faria, *Eu sei que vou te amar*, de Lúcia Cavalcanti, *O velho e a flor*, e de Marcelo Reis, *Patota de Ipanema*, podem ser vistas quase ao mesmo tempo em que as canções homônimas tocam.

Segundo João Carlos Pecci, “além da poesia, da mulher e do uísque, uma constante maior na vida de Vinicius foi a impermanência”². E a fluidez vinicianiana do mundo também pode ser encontrada lá junto a fotos belíssimas, como *Gente humilde*, de Antônio Brito, *As borboletas*, de Ana Paula Albuquerque, e *O haver*, de Ricardo Melo. Assim como a serenidade, que surge das águas em *Arrastão*, de Ernani Cabanas, e em *Estudo*, de André Lima. E o envolvimento do poeta com o sagrado, em *A benção*, *Bahia*, de Nazaré Araújo, *Canto de Iemanjá*, de Nilson Reis, *O canto de Oxum*, de Ivan Fraga, e *Canto de Xangô*, de Nid D’Amorin Jr.

O que os olhos veem e o coração sente só pode ser mesmo uma experiência individual. Por isso, não faço ideia do que você veria (viu? verá?) ali. Apenas procurei falar do que encontrei e, mais do que encontrei, daquilo a que fui ao encontro. Vinicius costumava falar “música e poesia são uma coisa só”³. Talvez, com *Uma foto para Vinicius de Moraes*, a gente possa passar a ver como uma coisa só fotografia, poesia e música.

Uma foto para Vinicius de Moraes está em exposição no Palacete das Artes (Graça) até 21/4

¹ MORAES, Vinicius. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.44. ² PECCI, João Carlos. *Vinicius sem ponto final*. São Paulo: Saraiva, 1994. p. 176. ³ Entrevista a O Estado de S. Paulo, 18 fev. 1979. apud PECCI, João Carlos. *Vinicius sem ponto final*. São Paulo: Saraiva, 1994.p. 332.



PROGRAMA DE INCENTIVO À CRÍTICA DE ARTES



Gustavo Mões

MEMÓRIA DE UMA CRÍTICA ENCANTADA

Segundo volume da *Série Crítica das Artes*, o livro *Memória de uma Crítica Encantada* é uma publicação organizada por Nadja Miranda, jornalista e doutora em artes cênicas, que reúne críticas teatrais escritas por Clodoaldo Lobo desde os anos 1980, conteúdo que expressa faces da história recente do teatro da Bahia. Com grande contribuição em prol do debate e do incentivo às questões da área teatral, José Clodoaldo Multari Lobo é jornalista, graduado pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e tem sua atuação focada na relação entre jornalismo e artes cênicas. Além dos textos de apresentação da organizadora e do secretário de Cultura, Albino Rubim, também assinam textos introdutórios a jornalista e escritora Kátia Borges, o diretor teatral e jornalista Luiz Marfuz e o jornalista Marcus Gusmão. O livro está disponível para download na página www.fundacaocultural.ba.gov.br/criticadeartes.

A *Série Crítica das Artes* é uma ação integrante do *Programa de Incentivo à Crítica de Artes* e contém publicações com temáticas diversas dentro deste universo, no intuito de promover a difusão de conteúdo sobre o tema, resgatando produções de profissionais notórios no campo, divulgando novos trabalhos, assim como disponibilizando materiais didáticos e/ou analíticos da crítica de artes.

Telefone: (71) 3324-8505

Cítica: citrica.artes@funcib.ba.gov.br

Programa de Incentivo à Crítica de Artes: critica.cultural@funcib.ba.gov.br

Fundação Cultural do Estado da Bahia: Rua Guedes de Brito, 14 – Pelourinho – CEP. 40.020-260 – Salvador/Bahia



PARTICIPE DO CÍTRICA!



Envie seu texto crítico sobre a linguagem artística de seu interesse e ele poderá ser publicado em nosso blog ou nas edições impressas. Charistas, quadrinistas, cartunistas e ilustradores também podem enviar imagens explorando temas relacionados à crítica de artes. Consulte as orientações em www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica, na seção Participe do Cítica, e envie o seu material.

Veja no blog! + Resenhas críticas, ensaios, fotografias, vídeos.

www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica